

Recensão Crítica

Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora. 304 p.

https://doi.org/10.14195/2183-6019_17_12

O mundo do avesso: verdade e política na era digital, de Letícia Cesarino (2022), propõe uma reflexão sobre a lógica cibernética que guia o funcionamento das plataformas digitais, de modo a se comportarem, em função da arquitetura com que foram projetadas, como campo propenso à circulação e propagação de movimentos antiestruturais, tais como negacionismo e populismo.

Recorrendo a uma bibliografia diversa e multidisciplinar, Cesarino (2022) apresenta a perspectiva cibernética, calcada em Bateson (1972). Ao contextualizar a relação do ser humano com o ambiente, a autora pontua a incidência elevada de sistemas não lineares: “ao invés de evoluir na relação com o entorno, ele [o sistema] ‘involui’, se trancando num fluxo caótico de oscilações e inversões internas num ritmo de crise permanente” (Cesarino, 2022, p. 69).

As plataformas, segue a autora, operam assim, na medida em que suas arquiteturas, por serem incompletas, estão a todo momento sendo modificadas pelas ações do usuário,

fazendo com que os desfechos, portanto, sejam imprevisíveis. “(...) essas novas mídias introduzem, difundem e capilarizam uma infraestrutura técnica que *acelera* a temporalidade sociotécnica e aprofunda a desestabilização dos sistemas preexistentes” (Cesarino, 2022, p. 88).

Esse tipo de interação com o ambiente digital, incorporada à cognição humana, faz com que, em perspectiva invertida, o usuário seja o ambiente no qual as plataformas atuam, de acordo com Cesarino (2022). Com isso, ao mesmo tempo em que a tecnologia automatiza o indivíduo, aquela é humanizada por este. Nesta conjuntura, os algoritmos são centrais na relação simbiótica, posto que organizam o componente humano ao feitiço da rede, que, por sua vez, é forjada ao agente, viabilizando realidades sob medida.

Enfim, trata-se do contexto da pós-verdade, cujo paralelo com as informações falsas é dado por Sacramento e Paiva (2020), momento em que a fronteira entre crença e verdade está diluída, podendo gerar

fatos alternativos que ameaçam a democracia (Brites, Amaral & Catarino, 2018). Este poderio, voltado à “exacerbação de uma propaganda política polarizada” (Mariani, 2018, p. 8), sustenta-se em frações de verdade, que, em seu conjunto, forjam uma narrativa falsa, ao que Dunker (2017, p. 15) chama de “verdade contextual”.

Se a lógica das plataformas privilegia o engajamento, em detrimento da qualidade e validade do conteúdo, pois a mentira concede ao interlocutor o que ele anseia ouvir (Arendt, 2014), as narrativas mais apaixonantes, independentemente da confiabilidade, terão maior interação (Vosoughi, Roy & Aral, 2018), base do modelo de negócio das redes (Bucci, 2019). Portanto, discursos antiestruturais, ou seja, que rivalizam com instâncias representativas de um contexto estável e tradicional, como a imprensa, tendem a ser produzidos e espalhados em ambiente invertido.

Ao abordar a desintermediação, o argumento de Cesarino (2022) dialoga com a defesa feita por Cruz (2018), para quem a comunicação política

1 ????

passa a se dar de forma direta com as bases. Em outros termos, há também um movimento de reintermediação: “como não existe relação não mediada com o real, quem controla essas mediações controla o próprio acesso das pessoas ao real” (Cesarino, 2022, p. 64). Esta substituição, em mimetismo ao jornalismo, pode servir ao espalhamento de desinformação, como apontaram Ferreira (2018) e Bucci (2019). A desinformação busca conferir a si a credibilidade que consagrou o trabalho jornalístico, desacreditando-o, com o intuito de disputar a hegemonia no fluxo informacional.

Aqui, Cesarino (2022) invoca os conceitos de populismo propostos por Laclau (2013), Gerbaudo (2018) e outros, especialmente as equivalências heterogêneas e os maniqueísmos próprios da performance populista, para fazer lograr as ideias de tecnopolítica e populismo digital, no bojo da reintermediação. A partir desta demarcação epistemológica, a autora discute resultados de pesquisas empíricas realizadas anteriormente, em especial aquelas que concernem a grupos bolsonaristas no WhatsApp durante as eleições de 2018: observaram-se

padrões gramaticais recorrentes, re-produzindo a equivalência líder/povo de Laclau (2013) e os antagonismos amigo/inimigo e elite/povo. Além disso, verificou-se outra tônica da dinâmica populista: “presença de uma ameaça existencial iminente, deslegitimação de estruturas de produção de verdade (imprensa, academia)” (Cesarino, 2022, p. 149).

Outra manifestação antiestrutural que fica potencializada na lógica da plataformização é o conspiracionismo, que pode redundar em pseudo-ciência ou negacionismo. Neste caso, Cesarino (2022) também se apropria de pesquisas empíricas, já sistematizadas em investidas pretéritas, para demonstrar a ressonância dada pelas redes às teorias da conspiração durante a pandemia de Covid-19 e no escopo de manifestações antidemocráticas no Brasil. A intersecção entre negacionismo e desinformação, com vistas a interesses políticos, foi objeto da reflexão de Ferrari e Boarini (2020).

Se sem a verdade factual (Arendt, 2014), a ideia de democracia fica prejudicada, pois o indivíduo é movido a tomar decisões mal informado (Bucci, 2019), a obra de Letícia Cesarino

(2022), com a audácia de quem estabelece conexões entre conceitos díspares, contribui para o campo da Comunicação, na medida em que propõe uma reflexão a partir de análises empíricas e vasta pesquisa bibliográfica. Ao entendermos o funcionamento das plataformas digitais e suas vocações antiestruturais, compreende-se o espraiamento de manifestações populistas e conspiratórias, também não lineares, pondo em risco a própria democracia.

Referências

- Arendt, H. (2014). Entre o passado e o futuro. Perspectiva
- Brites, M. J., Amaral, I., & Catarino, F. (2018). A era das “fake news”: o digital storytelling como promotor do pensamento crítico. *Journal of Digital Média & Interaction*, 1(1), 85-98. <https://doi.org/10.34624/jdmi.v1i1.928>
- Bucci, E. (2019). *Existe democracia sem verdade factual?* Estação das Letras e Cores.
- Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. Ubu Editora.

- Cruz, F. B. (2019). Fake news definem uma eleição?. In M. Barbosa (Org.), *Pós-verdade e fake news: Reflexões sobre a guerra de narrativas* (pp. 25-36). Cobogó.
- Dunker, C. (2017). Subjetividade em tempos de pós-verdade. In C. Dunker, C. Tezza, J. Fuks, M. Tiburi & V. Safatle (Eds.), *Ética e pós-verdade*. (pp. 7-38). Dublinense.
- Boarini, M., & Ferrari, P. (2021). A desinformação é o parasita do século XXI. *Organicom*, 17(34), 37-47. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.170549>
- Ribeiro Ferreira, R. (2018). Rede de mentiras: a propagação de fake news na pré-campanha presidencial brasileira. *Observatorio (OBS*)*, 12(5). <https://doi.org/10.15847/obsOBS12520181272>
- Mariani, B. (2018). Discursividades prêt-à-porter, funcionamento de fake news e processos de identificação. *Entremeios: revista de estudos do discurso*, 17, 3-18. <http://www.entremeios.inf.br/published/675.pdf>
- Sacramento, I., & Paiva, R. (2020). Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. *MATRIZES*, 14(1), 79-106. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p79-106>
- Vosoughi, S., Roy, D., & Aral, S. (2018). The spread of true and false news online. *Science*, 359(6380), 1146-1151. <https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146/tab-pdf>

